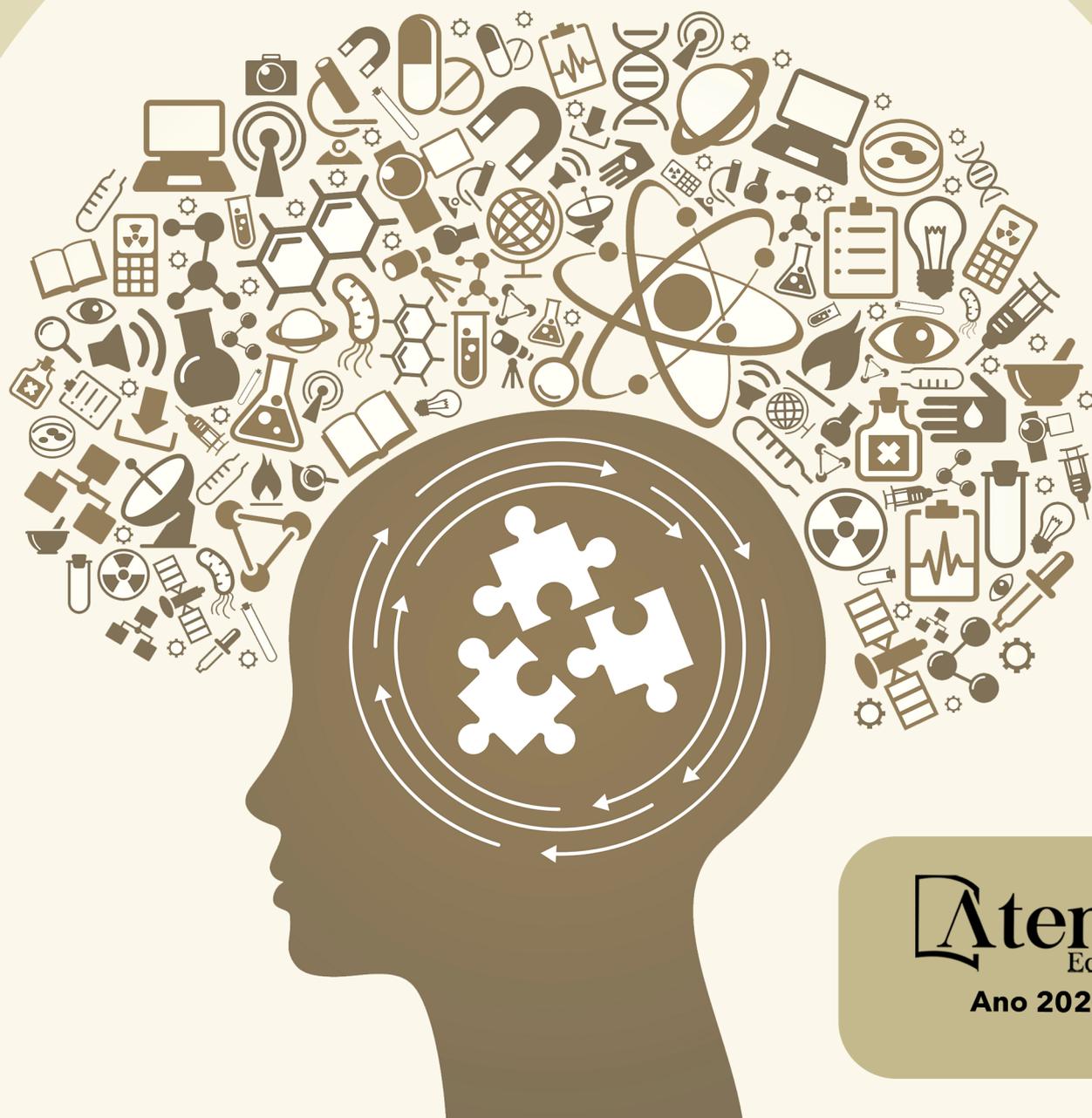


NOVAS POSSIBILIDADES RUMO AO FUTURO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

**MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VAGNO BATISTA RIBEIRO
(ORGANIZADORES)**



Atena
Editora
Ano 2020

NOVAS POSSIBILIDADES RUMO AO FUTURO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

**MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VAGNO BATISTA RIBEIRO
(ORGANIZADORES)**



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Posaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N936 Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Vagno Batista Ribeiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-76-8
 DOI 10.22533/at.ed.768200204

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Tecnologias.
 I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.
 III. Ribeiro, Vagno Batista.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil

APRESENTAÇÃO

Caríssimos leitores, num momento histórico em que muros se erguem, as pessoas se fecham, se isolam, aderem ao teletrabalho, em que se discute a vida e do indivíduo e a importância da constituição de relações humanizadas, trazemos a vocês o livro *Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Um livro, que abre as fronteiras do conhecimento num ritmo acelerado, promovendo relações dialógicas e de intercâmbio cultural, aqui e alhures – com pesquisadores das mais variadas regiões do Brasil e de alguns sítios do México. No livro, os conhecimentos advindos das Ciências Humanas e suas Tecnologias, são perpassados por temas amplos e diversos, que materializam resultados de investigações desenvolvidas nos mais variados espaços de pesquisa. Uma obra organizada em dois eixos temáticos que totalizam 24 capítulos fantásticos. O primeiro eixo temático, intitulado “Ciências Humanas” engloba 18 capítulos, nos quais apresentamos diferentes perspectivas e olhares teóricos que endossam os diálogos nos seguintes campos: Educação, Ciências Sociais, Direito, História, Arte, Economia, Literatura, Filosofia, Meio Ambiente e outros, que são transcorridas transversalmente por temas e pelas discussões ao longo dos textos. O segundo eixo, tem como título “Tecnologias”, que vem como tema guarda-chuva abrigando, 06 capítulos, cujos diálogos vão além do cotidiano escolar/universitário, englobando o campo do Direito – startups e dados, Gestão Agroalimentar e outros. Dos liames existentes entre os dois capítulos, gravitam ideias, temas e reflexões, perpassados pelos seguintes fragmentos: “...viagens pelos livros...”, “...desenvolvimento rural”; “Educação ambiental”; “...comportamento seguro”, “O saber científico e outros saberes”; “Direito das mulheres à propriedade agrícola”; “pedagogia/alternância”; “Educar ou ensinar...”; “Saúde da mulher”; “O ensino de Filosofia”; “Modernidade líquida”; “...negócio local, social e sustentável”; “...Direitos fundamentais no teletrabalho”; O uso de tecnologias em sala de aula e em atividade científicas e outros contextos de formação. Desse modo, a coletânea de textos desta obra, se estabelece como um convite à reflexão e às interfaces de olhares de pesquisados e estudiosos que desenvolvem suas investigações Científicas na Ciências Humanas e suas Tecnologias. Com isso, desejamos a todos, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Vagno Batista Ribeiro

SUMÁRIO

I – PARTE CIÊNCIAS HUMANAS

CAPÍTULO 1	1
A PERSPECTIVA DE MONSTRO NO LIVRO <i>VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE: OS SERES DISFORMES VIVENTES NO ORIENTE</i>	
Jorge Luiz Voloski Jaime Estevão dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.7682002041	
CAPÍTULO 2	11
DESARROLLO RURAL EN UNA COMUNIDAD DEDICADA A LA PRODUCCIÓN FORESTAL EN EL ALTIPLANO TAMAULIPECO, MÉXICO	
Elizabeth Del Carmen Andrade Limas Aimé Mariel López Rivas Bárbara Azucena Macías Hernández Glenda Nelly Lara Requena Lorenzo Heyer Rodríguez Patricio Rivera Ortiz	
DOI 10.22533/at.ed.7682002042	
CAPÍTULO 3	25
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO SOLUÇÃO PARA OS RISCOS GERADOS PELO CONSUMISMO CONTEMPORÂNEO	
Andreza de Souza Toledo Matheus Milani	
DOI 10.22533/at.ed.7682002043	
CAPÍTULO 4	45
A IMPORTÂNCIA DO DIREITO HUMANITÁRIO NA LIBÉRIA: INTOLERÂNCIA E VULNERABILIDADE	
Carlos Alberto Leite	
DOI 10.22533/at.ed.7682002044	
CAPÍTULO 5	61
A IMPORTÂNCIA DO COMPORTAMENTO SEGURO PARA AMENIZAR OS ACIDENTES E TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS OCASIONADOS PELO TRABALHO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA O COMPORTAMENTO SEGURO E SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR	
Jaciera Graciela Dias Trzaskos Ester Caroline Dias Trzaskos	
DOI 10.22533/at.ed.7682002045	
CAPÍTULO 6	75
A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O SABER CIENTÍFICO E OUTROS SABERES COMO PROJETO DE EDUCAÇÃO	
Luciano Tadeu Corrêa Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.7682002046	
CAPÍTULO 7	88
EL DERECHO DE LAS MUJERES A LA PROPIEDAD AGRARIA, UN CONTEXTO DE USOS Y COSTUMBRES EN EJIDOS Y COMUNIDADES EN MÉXICO	
Marcial Reyes Cázarez	

Daniel Reyes Cázarez
DOI 10.22533/at.ed.7682002047

CAPÍTULO 8 100

A PEDAGOGIA EM ALTERNÂNCIA E A RECRIAÇÃO DO CAMPESINATO

Walter Roberto Marschner

DOI 10.22533/at.ed.7682002048

CAPÍTULO 9 114

A PERSPECTIVA DE GÊNERO E RAÇA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO CENÁRIO NEOLIBERAL:
UMA ANÁLISE DA AGENDA GOVERNAMENTAL PIAUIENSE

Hilziane Layza de Brito Pereira Lima

DOI 10.22533/at.ed.7682002049

CAPÍTULO 10 123

EDUCAR OU ENSINAR: CONFLITO ENTRE FAMÍLIA, ESCOLA E SOCIEDADE - NOVOS
CONTORNOS SE FOR TRABALHADO EM CÍRCULOS DE PAZ

Suzana Damiani

Claudia Maria Hansel

Victória Antônia Tadiello Passarela

DOI 10.22533/at.ed.76820020410

CAPÍTULO 11 134

A SAÚDE DA MULHER PESCADORA ARTESANAL DE CONCEIÇÃO DA BARRA, ESPÍRITO
SANTO

Quéren da Silva Martins

Gilsa Helena Barcellos

DOI 10.22533/at.ed.76820020411

CAPÍTULO 12 146

EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406) E AS CARACTERÍSTICAS DAS VIAGENS NA BAIXA IDADE
MÉDIA

Sofia Alves Cândido da Silva

Jaime Estevão dos Reis

DOI 10.22533/at.ed.76820020412

CAPÍTULO 13 158

O NASCIMENTO E RENASCIMENTO DO *BALÉ LA SYLPHIDE* E A CRIAÇÃO DO TUTU
ROMÂNTICO

George Ricardo Carvalho Monteiro

Francisca Dantas Mendes

DOI 10.22533/at.ed.76820020413

CAPÍTULO 14 180

ENSINO DE FILOSOFIA NAS ESCOLAS EM TEMPO INTEGRAL: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES
DA FILOSOFIA PARA O PROTAGONISMO JUVENIL

Josegley Andrade de Lucena

DOI 10.22533/at.ed.76820020414

CAPÍTULO 15 193

HABITANDO NO CATIVEIRO DA INCERTEZA: A MODERNIDADE LÍQUIDA DE BAUMAN

Raphael Colvara Pinto

CAPÍTULO 16 203

MUDANÇAS E CONTINUIDADES PRODUTIVAS E ALIMENTARES NO COTIDIANO DE AGRICULTORES FAMILIARES DO SUDOESTE DO PARANÁ

Patricia Fernandes
José Marcos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.76820020416

CAPÍTULO 17 215

O ATELIÊ BIANCA BAGGIO COMO NEGÓCIO LOCAL , SOCIAL E SUSTENTÁVEL ATUANTE NA PROPAGAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE

Bianca Helena Bisetto Baggio
Brunna Gonçalves Ramos

DOI 10.22533/at.ed.76820020417

CAPÍTULO 18 219

A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

Cláudia Sousa Oriente de Faria

DOI 10.22533/at.ed.76820020418

PARTE II - TECNOLOGIAS

CAPÍTULO 19 229

A RELEVÂNCIA DO DIREITO À DESCONEXÃO PARA A PRESERVAÇÃO DE DIREITOS FUNDAMENTAIS NO TELETRABALHO

Jéssica Porto Cavalcante Lima Calou
Thiago Melo Façanha
Roberta Calazans Menescal de Souza Gomes

DOI 10.22533/at.ed.76820020419

CAPÍTULO 20 242

AS CONCEPÇÕES E AS DEMANDAS TECNOLÓGICAS DE RASTREABILIDADE NO CONTEXTO DA GESTÃO AGROALIMENTAR

Andressa Morgan
César Augustus Winck
Miguelangelo Gianezini

DOI 10.22533/at.ed.76820020420

CAPÍTULO 21 260

AVALIAÇÃO DE SALA DE AULA REGULAR A PARTIR DOS PARÂMETROS DO DESIGN UNIVERSAL E DA METODOLOGIA DEAFSPACE PARA INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS

Renata de Assunção Neves

DOI 10.22533/at.ed.76820020421

CAPÍTULO 22 278

ACADEMIC CANVAS: UMA FERRAMENTA VISUAL PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

Heleno Almeida Lima

DOI 10.22533/at.ed.76820020422

CAPÍTULO 23	282
O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA: A PERSPECTIVA DOS(AS) LICENCIANDOS(AS) EM SUA FORMAÇÃO INICIAL	
Luciana de Lima	
Deyse Mara Romualdo Soares	
Gabriela Teles	
Robson Carlos Loureiro	
DOI 10.22533/at.ed.76820020423	
CAPÍTULO 24	292
STARTUPS E DADOS: DESAFIOS JURÍDICOS FRENTE AS NOVAS TECNOLOGIAS	
Mateus Catalani Pirani	
Fernando Frazão Peres	
Sueli Molinos Galante	
DOI 10.22533/at.ed.76820020424	
SOBRE OS ORGANIZADORES	303
ÍNDICE REMISSIVO	304

A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

Data de aceite: 27/03/2020

Data de submissão: 08/01/2020

Cláudia Sousa Oriente de Faria

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -
CPDA/UFRRJ - Programa de Pós-Graduação de
Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade

Rio de Janeiro - RJ

<http://lattes.cnpq.br/2326323532186257>

RESUMO: Este trabalho expõe sobre a formação do povo brasileiro, que data do período da colonização do Brasil, porém, longe da pretensão de esgotar o assunto. A exposição foi feita utilizando-se da pesquisa bibliográfica como recurso metodológico, a partir da visão de alguns estudiosos, entre eles: Lilia Schwarcz, Darcy Ribeiro e Gilberto Freyre. Discutiram-se aspectos de como se formou a identidade da sociedade brasileira, ou seja, como essa nação foi construindo a realidade da qual é hoje. Observou-se neste estudo que o Brasil é um país de grandes contrastes, desde o início da sua constituição, contudo, a noção de mestiçagem aponta para a formação de uma possível unidade nacional.

PALAVRAS-CHAVE: povo brasileiro;

mestiçagem; raças.

THE FORMATION OF THE BRAZILIAN PEOPLE

ABSTRACT: This bibliographical work exposes about the formation of the Brazilian people, which dates from the period of colonization of Brazil, however, far from the pretension of exhausting the subject. The exhibition was made using bibliographical research as a methodological resource, based on the view of some scholars, among them: Lilia Schwarcz, Darcy Ribeiro and Gilberto Freyre. We discussed aspects of how the identity of Brazilian society was formed, that is, how this nation was building the reality of what it is today. It was observed in this study that Brazil is a country of great contrasts, from the beginning of its constitution, however, the notion of mestiçagem points to the formation of a possible national unity.

KEYWORDS: Brazilian people; miscegenation; races.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo representa uma tentativa de expor acerca da formação do povo brasileiro, que data da época do período Colonial no

Brasil, porém, longe da pretensão de esgotar o assunto, por que se acredita que o rico e instigante tema não se esgotaria em tão poucas páginas. Partiu-se da interrogação: seria o Brasil um país sem povo ao olhar com mais rigor como se deu a constituição de sua população?

Para alcançar certo entendimento sobre o tema, foi utilizada a pesquisa bibliográfica como recurso metodológico, realizada para atender à finalidade deste trabalho, a partir da qual foi feita a exposição das obras de alguns dos estudiosos sobre a formação do Brasil, tais como: Lilia Moritz Schwarcz em *O espetáculo das raças* (1993), Darcy Ribeiro em *Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995) e Caio Prado Júnior em *Formação do Brasil contemporâneo: colônia* (1972), mas também outros autores foram trazidos para auxiliar na explanação. Esses pesquisadores apresentam (a sua maneira), aspectos de como se formou a identidade da sociedade brasileira, ou seja, como esse povo foi construindo a realidade da qual se é hoje.

Um dos admiráveis intelectuais da história do Brasil, Gilberto Freyre, mergulhou nas entranhas da sociedade à procura de desvendar a identidade cultural brasileira, a partir da construção das três raças: a indígena (nativo), a branca (europeu/português) e a negra (africano). Freyre também expôs em seus estudos sobre o mito da inferioridade racial do povo brasileiro, em especial ao preconceito de que a miscigenação produzia em virtude da diversidade da formação social; o solo comum de valores que nos permitiria pensar na possibilidade de uma sociedade nacional, integrada, homogênea e harmônica (COSTA, 1992).

Gilberto Freyre escreveu nos anos 30 a obra *Casa Grande e Senzala*, que envolve um contexto histórico único da formação da sociedade brasileira, a qual ele diz ser híbrida desde o início de sua formação. As estruturas sociais e econômicas são apresentadas claramente na obra, como o latifúndio e a escravidão, a casa-grande e a senzala que eram o alicerce da ordem escravocrata. Todavia, conforme o pensamento de Costa (1992), a história que está descrita na obra se trata da história de quase toda a população brasileira.

Na exposição de Carvalho (2014), Freyre tratava da ideia da democracia racial, afirmando que no Brasil o importante não era a raça como o ponto unificador do povo, uma vez que o brasileiro estaria a caminho de determinar uma nova raça por meio do processo de miscigenação, mas sim a religião católica, que foi no Brasil de extrema importância na vida social, pois os negros procuravam ser batizados e os índios eram o centro das atenções dos jesuítas que tinham como missão torná-los cristãos.

Em Freyre (2006) citado por Carvalho (2014) a miscigenação em vez de ameaça, foi vista como algo positivo e compreendida como necessária para solução dos problemas do país, pois o português não poderia colonizar uma grande extensão

de terra como o Brasil, com uma população numerosa sem que isso acontecesse, e ainda possibilitava melhor adaptação do branco no ambiente tropical, fornecendo dessa forma a mão de obra, o prazer sexual e a constituição de toda uma cultura particular.

Na obra *O espetáculo das raças*, Schwarcz (1993) aponta o Brasil como um caso ímpar de extremada miscigenação racial, um grande laboratório racial, assim era a imagem do país no final do século passado (1870-1930) e a partir dessa constatação a autora apresenta a visão de inúmeros outros estudiosos e viajantes europeus que distinguiram o Brasil por meio de expressões como: um festival de raças; uma sociedade de raças cruzadas; nação multiétnica; país mestiço; país de raças híbridas; Brasil mulato; território que se transformara no paraíso dos naturalistas, essas são algumas das expressões exemplificadas pela autora para falar sobre o espetáculo brasileiro da miscigenação, que trazemos para nos auxiliar na exposição acerca da formação do povo brasileiro e tentar elucidar se o Brasil seria ou não um país sem povo.

2 | DESENVOLVIMENTO

Há pesquisadores que digam, de acordo com Schwarcz (1993), da ocorrência no Brasil de deterioração decorrente do cruzamento das raças, demonstrando uma interpretação pessimista da mestiçagem, ao sugerir que ela foi apagando as melhores qualidades do branco, do negro e do índio, deixando um tipo de indivíduo híbrido indefinido, isto é, deficientes em energia física e mental, formando talvez uma pista, para elucidar o atraso ou uma provável inviabilidade da nação, pois alguns teóricos “acreditavam que o bom desenvolvimento de uma nação seria resultado, quase imediato, de sua conformação racial pura” (SCHWARCZ, 1993, p. 61). Apesar disso, a pesquisadora sublinha a existência de uma nova representação da mesma nação e aponta que os censos e dados quantitativos da época reafirmavam as apreensões teóricas mencionadas, conforme segue: “Enquanto o número de cativos reduzia-se drasticamente, [...] a população negra e mestiça tendia progressivamente a aumentar, correspondendo, segundo o censo de 1872, a 55% do total” (SCHWARCZ, 1993, p. 13).

Outro importante estudioso da formação do povo brasileiro que se faz imprescindível mencionar neste artigo é o antropólogo Darcy Ribeiro. Este conceituado pesquisador do processo civilizatório do Brasil é autor de várias obras, entre elas está *Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), a qual foi utilizada aqui para auxiliar no entendimento do Brasil e a constituição da sua população como povo. A obra, que tem como objetivo reconstituir esse processo, e entender toda a sua complexidade, foi feita a partir da versão testemunhal e documental do

protagonista - o invasor, dominador, além do esforço para compreensão por parte do autor, conforme afirma Ribeiro (1995).

O pesquisador assegura que o povo brasileiro surgiu do encontro e do cruzamento do invasor português com índios e com negros africanos, e que a partir dessas junções, matrizes raciais desiguais, tradições culturais distintas, formações sociais ultrapassadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um novo povo, em um novo modelo de estruturação societária, em virtude da redefinição de traços culturais delas oriundos (RIBEIRO, 1995).

Assim, assegura o antropólogo que embora diferenciados em suas matrizes raciais e culturais e em suas funções ecológico-regionais, da mesma forma, nos perfis de descendentes de velhos povoadores ou de imigrantes recentes, os brasileiros se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia, e ainda enfatiza,

uma entidade nacional distinta de quantas haja, que fala uma mesma língua, só diferenciada por sotaques regionais, menos remarcados que os dialetos de Portugal. Participando de um corpo de tradições comuns mais significativo para todos que cada uma das variantes subculturais que diferenciaram os habitantes de uma região, os membros de uma classe ou descendentes de uma das matrizes formativas (RIBEIRO, 1995, p. 22).

Em consonância com Ribeiro (1995), os brasileiros se agregam em uma única etnia nacional e a concepção de povo-nação surge no país a partir da concentração da força de trabalho escrava, arrolada para servir a finalidades mercantis alheias a ela, por meio de processos violentos que constituíram em permanente genocídio, que se deu pela guerra de extermínio, pelo desgaste no trabalho escravo e pela virulência das novas enfermidades; e também pelo etnocídio implacáveis, que atuou através da sua desmoralização pela catequese; da pressão dos fazendeiros que iam se apropriando de suas terras; do fracasso de suas próprias tentativas de encontrar um lugar e um papel no mundo dos “brancos”. Ao genocídio e ao etnocídio se somam ainda as guerras de extermínio. Os cenários de lutas e guerras ocorreram por conta do choque ocorrido no encontro das duas civilizações, de um lado os índios, com a sua vida pacata, apenas desfrutando da existência, em um mundo dadivoso e em uma sociedade solidária; do outro lado, os recém-chegados, onde a vida era uma sofrida obrigação, que a todos condenava ao trabalho e tudo era submisso ao lucro. O contraste não tinha como ser maior, conforme afirma Ribeiro (1995).

O antropólogo reconhece um antigo uso indígena, denominado de cunhadismo, que significa incorporar estranhos à sua comunidade, como a instituição social que possibilitou a formação do povo brasileiro, fazendo surgir a numerosa camada de pessoas mestiças que de fato ocupou o Brasil. Esse antigo costume “consistia em lhes dar uma moça índia como esposa. Assim que ele a assumisse, estabelecia,

automaticamente, mil laços que o aparentavam com todos os membros do grupo” (RIBEIRO, 1995).

Na visão do antropólogo, sem a prática do cunhadismo, seria impossível a criação do Brasil, sendo que, com base nesse costume se estabeleceram criatórios de pessoas mestiças nos focos onde náufragos e degredados se assentaram ao chegarem ao país.

Ainda sobre o processo de constituição do Brasil, Ribeiro (1995) sinaliza que a expansão do comando português terra adentro do país, foi fruto dos povos brasilíndios ou mais conhecidos como mamelucos. Estes foram gerados por pais brancos, a maior parte deles lusitanos, sobre mulheres índias, expandindo o domínio português. Esse novo povo (mamelucos), de acordo com o antropólogo, foram os heróis civilizadores, impositores da dominação que os oprimia. Seu valor maior como agentes da civilização ocorria de sua própria rusticidade de meio-índios, incansáveis nas marchas longuíssimas e acima de tudo no trabalho de remar, de sol a sol, por meses e meses (RIBEIRO, 1995).

Mesmo com o seu significativo valor de pessoas flexíveis, por se adaptarem facilmente a qualquer circunstância, os brasilíndios ou mamelucos foram vítimas de duas rejeições drásticas:

A dos pais, com quem queriam identificar-se, mas que os viam como impuros filhos da terra, aproveitavam bem seu trabalho enquanto meninos e rapazes e, depois, os integravam a suas bandeiras, onde muitos deles fizeram carreira. A segunda rejeição era a do gentio materno. Na concepção dos índios, a mulher é um simples saco em que o macho deposita sua semente. Quem nasce é o filho do pai, e não da mãe, assim visto pelos índios (RIBEIRO, 1995, p. 108).

A rejeição de seus progenitores, de não poder identificar-se com eles, se criou um gênero humano novo e fez com que caíssem em uma terra sem dono, a partir da qual construíram sua identidade de povo brasileiro, porém, percebe-se por meio da obra de Ribeiro que não foi tarefa fácil aos mamelucos se fazer agente principal da história brasileira. Vê-se que enfrentaram tanto o ódio jesuítico e a má vontade dos reinóis, quanto todas as grandes dificuldades de sua dura vida de sertanistas, além ainda da hostilidade dos índios arredios (RIBEIRO, 1995).

Outro importante estudioso da complexa sociedade brasileira, essencial para a compreensão do Brasil da atualidade, é Caio Prado Júnior (1972), autor da clássica obra *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, onde se apresenta ampla pesquisa acerca do período colonial e traz aspectos essenciais para o tema proposto nesse artigo – expor acerca da formação do povo brasileiro. O autor expõe que o Brasil contemporâneo se definiu por seu passado colonial, do mesmo modo, se definiu pelas mudanças ocorridas, considerando que naquele passado se constituíram os fundamentos da nacionalidade brasileira, povoou-se um território semideserto, organizou-se nele vida humana que diferia daquela que já havia aqui

(dos indígenas e da dos portugueses).

Porém, a grande questão com que se preocupa o autor, a partir da qual ele delimita seu objeto de estudo na obra *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*, é que o Brasil é um país que ainda não se sedimentou, e está em suas linhas definidoras, possuindo ainda a presença expressiva do passado colonial, isto pode ser constatado quando ele diz que no campo econômico “o trabalho livre não se organizou”, tem-se apenas um ajustamento em pleno vigor, mas que “conserva traços bastante vivos do regime escravista que o precedeu”. O mesmo se afirma no campo econômico, onde a economia é voltada para a produção extensiva, aos mercados externos e ainda da falta de um mercado interno alicerçado e organizado. No campo social, “ainda conservam nossas relações sociais em particular as de classe, um acentuado cunho colonial” (PRADO JÚNIOR, 1972, p. 7).

Desta forma, para Prado Júnior (1972) o Brasil se organizou meramente a partir de uma economia exógena, isto quer dizer que ele se articulou em uma organização produtora, industrial, se constituindo em uma colônia brasileira que não atendia aos interesses internos, se formou tendo como princípio uma colônia de exportação.

Conforme Prado Júnior (1972), se formos à essência da formação do povo brasileiro, veremos que na realidade esse povo se constituiu para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro, diamante; depois algodão e o café para o comércio europeu, nada mais que isto. Tendo como objetivo – o da exportação, foi que se organizou a sociedade e a economia brasileiras. Salieta-se que esses dados históricos são indispensáveis para interpretar e compreender a atualidade brasileira, que se encontra em constante transformação.

Pode-se dizer, a partir da visão desse pesquisador da história brasileira, que o processo da colonização portuguesa no Brasil teve como fundamento a grande propriedade monocultora, a mão de obra escrava africana, com base econômica voltada para a produção de gêneros destinados ao comércio exterior, sendo que, mais tarde, a força de trabalho foi fornecida por homens livres vinculados à *plantation*.

Entretanto, também existiam outras relações de trabalho, isto é, escravos que trabalhavam em outras atividades. Além da mão de obra escrava, alguns deles realizavam o cultivo de gêneros agrícolas destinados ao próprio sustento e para venda no mercado interno; outros trabalhavam como aprendizes, barqueiros, produção de artesanatos entre outros.

No que diz respeito à formação do Brasil, Prado Júnior (1972) aponta aspectos das condições naturais (geográficas, de relevo, presença de minérios e solo) e sua relação com o povoamento. O pesquisador delinea acerca de como se deu a ocupação de todo o litoral brasileiro, sem deixar de mencionar os locais adequados ou impróprios para a instalação de núcleos de colonização, inclusive com a presença ou não de água potável. Da mesma forma, faz referência sobre os surtos

de mineração que impulsionaram o povoamento para o interior, porém assinala que não foram duradouros, cabendo à pecuária a ocupação de boa parte do território da colônia e ao ser calculada em área efetivamente colonizada, ultrapassa a mineração. Ainda se teve, além da imigração espontânea, a imigração estimulada que tinha a finalidade de povoar territórios estratégicos pouco habitados, a exemplo Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A preferência era por grupos familiares, também conhecidos por colonização por casais, destinada exclusivamente à agricultura (PRADO JÚNIOR, 1972).

O pesquisador aponta ainda sobre os movimentos de deslocamentos internos que ocorreram a partir das mudanças nas atividades produtivas de regiões, constatando que estes ocorreram do interior para o litoral e estavam relacionados ao retorno da atividade agrícola.

Evidencia-se o fato, de acordo com Prado Júnior (1972), de que a colonização não se norteava no sentido de formar uma base econômica sólida, com a exploração racional dos recursos do território, determinando no povoamento uma mobilidade superior ainda à normal dos países novos.

A respeito da composição da população brasileira, o pesquisador aponta as contribuições trazidas pelas raças compostas pelos brancos, pretos e indígenas. Prado Júnior (1972) afirma que das três raças que entraram na constituição do Brasil, os indígenas e os negros africanos, foram os que trouxeram os mais complexos problemas étnicos e que apresentaram entre si tamanha diversidade. O branco que entrou na constituição do povo brasileiro até princípios do século XIX é quase toda de origem portuguesa.

O critério português definido na seleção de colonos era antes o religioso do que o nacional, considerado secundário, porém, durante a dominação espanhola, esse quadro se modificou. Passou-se a aplicar o critério mais rígido da política colonial castelhana que com a Restauração voltou-se à política antiga (PRADO JÚNIOR, 1972).

Na visão de Prado Júnior (1972) a mestiçagem é o signo sob o qual se formou a nação brasileira e com seu sexualismo descomedido resultou num conjunto étnico que a humanidade jamais conheceu, e que constituiu o seu traço mais profundo e notável, se tornando a verdadeira solução encontrada pela colonização portuguesa para o problema indígena.

Os índios foram incorporados à população brasileira, mas aos poucos foram sendo eliminados por moléstias, vícios como o álcool, maus tratos, regime de trabalho. Já o negro representou um caso mais simples do que o dos índios. O negro foi uniformizado pela escravidão, desde o início nunca se contestou. Para Prado Júnior (1972) a contribuição do negro foi muito superior a do índio, em virtude do contato mais íntimo que teve com o branco, porém, duas circunstâncias

desfavoreceram os negros: primeiro o número de mulheres era menor e segundo, o preconceito contra as alianças legais com negros.

A população branca pura compunha-se quase somente da imigração portuguesa mais recente, da que não tivera tempo de se mesclar com os naturais da colônia. Entre esses últimos, poucos seriam os puros. Passa-se, então, a dirigir a seleção sexual no sentido do branqueamento. Um fato é a preocupação generalizada de “limpar o sangue” (PRADO JÚNIOR, 1972).

Prado Júnior (1972) descreve os principais limites da expansão da ocupação branca, relacionadas a conflitos com indígenas pela invasão de terras e os principais remanescentes indígenas sem contato com o branco até o início do século XIX. O pesquisador menciona ainda, que as regiões em que predominou a população negra também foram as regiões de maior atividade econômica.

Na perspectiva de reflexão neste artigo sobre elementos da constituição da identidade nacional, especificamente sobre a formação do povo brasileiro, Renato Ortiz (1986) traz na obra *Cultura brasileira e identidade nacional*, algumas reflexões em torno da relação entre a questão racial e a identidade brasileira. Esse autor desloca o centro da discussão, transpondo o conceito de raça ao conceito de cultura.

Ortiz (1986) ao abordar a questão da mestiçagem, assim como outros autores já mencionados neste artigo, afirma ser o Brasil o espaço da miscigenação, o qual se constituiu pela fusão de três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio; onde à raça branca (que se aclimata nos trópicos) foi atribuída uma posição de superioridade na construção da civilização brasileira.

Em consonância com Ortiz, o mestiço, resultado do cruzamento entre as raças diferentes, envolve os defeitos e taras transmitidos pela herança biológica e a apatia, o descuido, o desequilíbrio moral e intelectual, a inconsistência seriam dessa maneira qualidades naturais do povo brasileiro (ORTIZ, 1986). No entanto, o ideal para o Brasil seria, na visão desse pesquisador,

uma utopia a ser realizada no futuro, ou seja, no processo de branqueamento da sociedade brasileira. É na cadeia da evolução social que poderão ser eliminados os estigmas das “raças inferiores”, o que politicamente coloca a construção de um Estado nacional como meta e não como realidade presente (ORTIZ, 1986, p. 21).

Ortiz (1986), diferentemente de alguns autores que ele cita em sua obra como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha, pondera a mistura racial de forma positiva como “renovadora”, no sentido de que tenderia reequilibrar os elementos negativos herdados do colonizador. Já o pensador Manuel Bonfim citado na obra de Ortiz, toma partido pelo progresso, isso quer dizer que ele é a favor da civilização européia, onde vê que o caráter “renovador” das culturas negra e índia não tem, como o da portuguesa, os atributos que permitem direcionar o progresso

no sentido do desenvolvimento da sociedade (ORTIZ,1986).

Outro aspecto apontado por Ortiz, como problema recorrente na história da cultura nacional, ao comparar com o pensamento da *intelligentsia* brasileira, é que no Brasil parece ter se tornado senso comum a ideia de ser um espaço imitativo, ou seja, haveria uma absorção das ideias estrangeiras. O dilema dos intelectuais do final do século era o de estabelecer uma identidade nacional e para isso, seria necessário se reportar às condições reais da existência do país. Ortiz (1986) assinala que só seria provável idealizar um estado nacional pensando-se os problemas nacionais e que a inferioridade racial explicaria o porquê do atraso brasileiro, mas a noção de mestiçagem aponta para a formação de uma possível unidade nacional.

3 | CONCLUSÕES

Diante das visões dos pesquisadores expostas neste artigo sobre o processo de formação da nação brasileira, volta-se à pergunta inicial para verificar se foi possível chegar a uma conclusão ou se deixa-se a interrogação aberta para futuras investigações: seria o Brasil um país sem povo?

Pode-se observar que o Brasil é um país de grandes contrastes, desde o início da sua constituição, que se fez pelo entrelaço das três raças: índios, negros e brancos, utilizou a mão de obra escrava em grandes proporções e surgiram as classes sociais que marcaram a época: de um lado os privilegiados proprietários de terra, dos bens de produção, que eram na maioria brancos; de outro, os escravos, a classe trabalhadora.

Ao nos apoiarmos no pensamento freyniano, percebe-se que o povo brasileiro traz consigo a marca da miscigenação e que o país caracterizado por esse pesquisador é um Brasil mestiço, em larga medida, um país negro. Além disso, é um país de moral arranhada pela luxúria.

Porém, conforme Ribeiro, o processo de formação do povo brasileiro, “não chega a configurar uma democracia racial, como quis Gilberto Freyre e muita gente mais, tamanha é a carga de opressão, preconceito e discriminação antinegro” (RIBEIRO, 1995, p. 225).

Assim, a partir dos autores trazidos para nos apoiar nessa reflexão (que a deixamos inconclusa), parece-nos que o Brasil não possui em sua história a formação de uma população pura, vê-se que a formação da nação brasileira foi a partir do cruzamento das três raças, surgindo o mestiço. Entretanto, vê-se ser preciso ainda conhecer as muitas faces dessa história, promover estudos mais aprofundados, para aproximarmos de um melhor entendimento sobre essa instigante temática.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, R. O. de. (2014, maio). A construção da identidade brasileira a partir de Gilberto Freyre. In: **Oficina do historiador** (Suplemento especial, pp.293-304). Porto Alegre, Brasil: EDIPUCRS.

COSTA, V. M. F. (1992). Vertentes democráticas em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque. In: **Lua nova: Revista de Cultura e Política** (nº.26). **São Paulo: Aug**. Recuperado em 18 julho, 2017 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451992000200008.

ORTIZ, R. (1986). **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo, SP, Brasil: Ed. Brasiliense.

PRADO JÚNIOR, C.. (1972). **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia** (12a ed.). São Paulo, SP, Brasil: Brasiliense.

RIBEIRO, D. (1995). **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil** (2a ed.). São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras.

SCHWARCZ, L. M. (1993). **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930**. São Paulo, SP, Brasil: Companhia das Letras.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Baixa Idade Média 1, 146, 147, 150, 152, 153, 155, 156

Big Data 292, 296, 297, 300, 301

C

Cadeias Produtivas 242, 244, 248, 251, 252, 254, 255, 256

Comportamento 25, 48, 56, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 128, 216, 261, 297

Consumismo 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 39, 40, 42, 43, 199, 217

D

Desenvolvimento Rural 102, 213

Design Universal 260, 262, 266, 267, 276

Deslocamento 1, 2, 142, 152, 233

Direito à Desconexão 229, 230, 232, 236, 237, 239, 240, 241

E

Economia Circular 215

Educação do Campo 100, 101, 103, 106, 112

Ensino de Filosofia 180, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 190, 192

Escola 34, 35, 76, 77, 78, 82, 85, 102, 103, 105, 106, 108, 112, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 158, 177, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189, 260, 263, 274, 275, 276, 283, 285, 286, 287, 288, 289, 291, 303

F

Família 71, 101, 104, 105, 111, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

Formação Docente 75, 188, 290

G

Gênero 5, 107, 109, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 134, 137, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 155, 160, 161, 162, 164, 223, 286

I

Identidades 29, 83, 100, 101, 107, 108, 109, 112, 119, 121, 138, 195, 303

Igualdade 115, 117, 119, 196

Incerteza 193, 194, 199, 295, 297

Inclusão Escolar 260, 262, 263, 264

Indústria de Alimentos 81, 204, 207, 208, 209

L

Literatura de Viagem 146, 147, 149, 150, 154

M

Mestiçagem 219, 221, 225, 226, 227

Modernidade Líquida 193, 194, 198, 201

Monstro 1, 3, 5, 6, 9

Mulher 8, 9, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 129, 134, 136, 137, 144, 161, 195, 223

P

Pierre Lacotte 158, 159, 169, 170, 173, 175, 176, 177, 178

Planejamento Científico 278

Políticas Públicas 23, 57, 102, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 134, 136, 137, 144, 208, 253

Project Model Canvas 278, 279, 281

Protagonismo 100, 112, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192

R

Raça 50, 114, 115, 118, 119, 121, 220, 226

Rastreabilidade 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259

Resistência 50, 52, 204, 209, 210, 213, 273

S

Saber Científico 75, 76, 78, 85

Sociedade de Risco 25, 26, 30, 32, 41

Startups 292, 293, 295, 297, 298, 300, 301, 302

Sustentabilidade 41, 43, 110, 214, 215, 216, 217, 218, 253, 276

T

Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação 282, 283, 284, 287, 291

Tecnologias Laborais 229, 230

Trabalho 4, 25, 28, 29, 32, 34, 36, 45, 50, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 84, 86, 103, 104, 105, 106, 108, 111, 114, 118, 123, 124, 129, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 147, 151, 168, 171, 185, 187, 188, 199, 211, 215, 216, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 257, 261, 267, 271, 272, 273, 276, 278, 280, 281, 298

Traje de cena 158, 159, 176, 177

V

Vitimologia 45, 53

 **Atena**
Editora

2 0 2 0